

Jovens no Rio de Janeiro: percursos, inseguranças e riscos

Beatriz Corsino Pérez*

Lucia Rabello de Castro**

Resumo

Os jovens criam representações sobre a cidade a partir dos seus percursos e das relações que estabelecem com as pessoas e com o espaço. A diversidade da cidade pode ser vista como algo negativo, gerando medo e insegurança. Neste artigo, investigamos como os jovens enfrentam os riscos da vida na cidade: que ações e estratégias usam, que espaços elegem frequentar, que sentimentos emergem quando estão em lugares onde se sentem mais ou menos ameaçados. Para isso, realizamos entrevistas semiestruturadas com sete jovens (quatro rapazes e três moças), com idades entre 18 e 28 anos, moradores de diferentes bairros e regiões da cidade do Rio de Janeiro. Na análise, percebemos como o sentimento de insegurança está relacionado aos vínculos que os jovens estabelecem com o espaço, com o seu conhecimento e o sentimento de pertencimento a um lugar. Discutimos o conflito vivido por alguns jovens entre a experimentação e o desfrute da diversidade da cidade e a preocupação com a realidade de outras pessoas que sofrem com a violência e a precariedade dos lugares em que vivem. Para outros, a experiência urbana é marcada pelo desejo de ter acesso aos bens culturais e simbólicos da cidade sem sofrer preconceitos e discriminação.

Palavras-chave: Jovens; Cidade; Insegurança; Conflito.

Young people in Rio de Janeiro: routes, insecurities and risks

Abstract

Youngsters create representations of the city based on their routes and the relationships they establish with people and space. City's diversity can be seen as something negative, which produces fear and insecurity. In the present work we discuss how youngsters face the risks of living in a big city: their actions and strategies, the spaces they attend, their feelings once they are in places where they feel threatened. In order to discuss these topics, we interviewed seven young people (four boys and three girls), with ages between 18 and 28 years old, using semi-structured interviews, who live in different neighborhoods of Rio de Janeiro city. In our analysis of the empirical material, we discuss how insecurity is related to the bonds these youngsters establish with the urban space, to their

* Psicóloga Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil.

** Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil.

knowledge and feelings of belonging to that place. We explore the conflicts that some of these youngsters face when they want to enjoy the opportunities and diversity of the city, but, at the same time, become concerned by other people's social and economic reality, marked by violence and precariousness. For some of these youngsters, the urban experience is marked by the desire for cultural and symbolic goods of the city, avoiding prejudice and discrimination.

Keywords: Youth; City; Insecurity; Conflict.

A cidade grande, ao contrário do ambiente familiar, é o lugar de encontro com pessoas desconhecidas. Compreendida como “espaço das relações” (LEFEBVRE, 2006), a cidade se constitui pelas pessoas que vivem nela e fazem uso cotidiano de seus espaços. Diferentemente das crianças que são tuteladas pelos adultos e que, na maior parte das vezes, têm a sua circulação muito restrita aos espaços privados, os jovens possuem maior liberdade em percorrer e conhecer a cidade que se apresenta como um espaço a ser descoberto e conquistado.

Os jovens se apropriam simbolicamente da cidade a partir de sua participação naquele espaço, de histórias e lembranças de situações vividas ali. Na cidade, eles estabelecem as fronteiras por onde devem andar, os lugares em que se sentem mais seguros e os que devem evitar por se sentirem aí ameaçados. Os jovens criam um sentido sobre o espaço fazendo com que a “cidade labiríntica” (GOMES, 1994), que não se deixa conhecer, se torne menos angustiante. Os percursos e itinerários escolhidos pelos jovens também dizem sobre quem eles são, segundo De Certeau, “o ato de caminhar parece ‘portanto’ encontrar uma primeira definição como espaço de enunciação” (1994, p.177).

Os espaços que os jovens escolhem frequentar, considerados seguros ou agradáveis, não são eleitos arbitrariamente. Existem características sócio-históricas, perpassadas por questões políticas e ideológicas que atravessam a cidade, dividindo o espaço em áreas mais ou menos valorizadas, e atribuindo funções e sentidos compartilhados para determinadas regiões.

No caso da cidade do Rio de Janeiro, a violência urbana e a criminalidade assumem lugar de destaque na imagem da cidade construída pelos seus moradores. A televisão e os jornais costumam dizer que a cidade vive uma “guerra civil”, que existe uma “lei paralela”, enfatizando, assim, o conflito e a fragmentação do espaço. Grande parte das comunidades de baixa renda é dominada por grupos de traficantes de drogas e armas ou por milícias que se impõem ditando regras e impedindo a livre circulação dos indivíduos. Nesses casos, somente algumas pessoas podem ter acesso a determinadas regiões, outras devem manter a distância sob o risco de perderem a própria vida. “Uma parcela da população é forçada ou induzida a viver em um local no qual se pudesse escolher não viveria – ou, pelo menos, não viveria *confinada àquele*

local, ou ainda melhor, *àquele tipo de local*" (SOUZA, 2008, p. 56). Há, portanto, um modo de segregação de um grupo social, formado por pessoas que vivem em comunidades, que não podem escolher o seu local de moradia e nem exercer o seu direito de ir e vir. Wacquant (2001) aponta que nesses aglomerados urbanos, em vias de guetificação, há um empobrecimento social marcado pela escassez de serviços públicos compartilhados, desestruturação do universo familiar, isolamento social, estigmatização e desertificação cívica dos bairros.

Muitas pessoas que moram na cidade passaram por situações de violência urbana, como assaltos e roubos, em que se sentiram impotentes diante de um mal que parece estar em qualquer lugar. Souza (2008) coloca que a problemática da insegurança pública, que tem como pano de fundo um medo generalizado alimentado pela criminalidade ordinária, se tornou um dos principais fatores de reestruturação do espaço e da vida nas grandes cidades. Espaços públicos "privatizados", muitas vezes indevida e ilegalmente, dificultam a mobilidade. Símbolos do medo (como câmeras, guaritas, grades) se disseminam e se inscrevem na paisagem urbana juntamente com posturas defensivas. Segundo Castro (2004), atualmente, a segurança passou a ser o valor mais cultivado, pois cada indivíduo se isola na tentativa de assegurar para si segurança e felicidade, alheio ao que se passa ao redor.

Para se proteger do medo que a vida na cidade pode proporcionar, espaços são programados e construídos com o intuito de oferecer um bem-estar controlado e previsível e de manter o indivíduo em segurança. São lugares que "selecionam" os seus frequentadores como, por exemplo, clubes, *shoppings*, condomínios, complexos de lazer, entre outros. Caldeira (2003) denomina de "enclaves fortificados" propriedades privadas construídas para uso coletivo e que enfatizam o valor do que é privado e restrito, desvalorizando, assim, o que é aberto e público na cidade. As pessoas que escolhem habitar nos "enclaves" valorizam viver entre pessoas do mesmo grupo social, criando um espaço homogêneo, longe das interações indesejadas, do movimento, da heterogeneidade, do perigo e da imprevisibilidade que caracterizam a "experiência urbana". Elas procuram ter *status*, serviços, conforto, tranquilidade, "um prazer plenamente possível e absolutamente seguro" e a "convivência sem inconveniência".

Para Souza (2008), essas medidas para proteger a classe média e alta aparecem como uma solução. Entretanto, elas não questionam as causas e os motivos da violência, podendo, a longo prazo, colaborar para a deterioração da qualidade de vida, da civilidade e das condições do exercício da cidadania. Os "enclaves fortificados" pressupõem um descompromisso para com a cidade como um todo, uma vez que acarretam o empobrecimento da "experiência da cidade" e do contato com o outro. O não-convívio com o diferente constrói subjetividades cada vez mais individualizadas, intolerantes e preconceituosas em relação ao que é desconhecido ou distante. Em nome da segurança, elimina-se a "relação ativa" com o outro.

A “relação ativa” é uma forma de vínculo com o outro em que são trocados afetos, narrativas e experiências. Nessa relação, o indivíduo tem que lidar com o inesperado e com os sentimentos que o encontro com a alteridade pode acarretar, seja de fascínio, horror, medo, angústia, alegria... Essa falta de controle sobre o outro – do que poderá pensar e falar e da forma como poderá agir – se constitui em um risco para o indivíduo. Esse tipo de relação demanda, portanto, a “coragem” de se mostrar e de enfrentar as reações e atitudes do outro e, ao mesmo tempo, de estar aberto às transformações que podem ocorrer a partir desse encontro. Como coloca Smith (1992), para construirmos “futuros alternativos” precisamos nos relacionar ativamente com os diferentes, tornar nossas experiências de vida compartilhadas e, assim, poder construir um sentido de como chegar a um mundo em que as relações de opressão e exploração possam ser transformadas.

Nesse artigo,¹ investigamos como os jovens representam a cidade e como criam aproximações e distâncias com os outros, a partir dos percursos e das relações que estabelecem em seu cotidiano. Diante do sentimento de insegurança, pesquisamos quais são as reações dos jovens, se há uma retração para o espaço privado ou o enfrentamento dos riscos nos espaços comuns.

Realizamos entrevistas semiestruturadas com sete jovens, três moças e quatro rapazes, com idades entre 18 e 28 anos e moradores de diferentes bairros do município do Rio de Janeiro, como vemos em detalhe no quadro a seguir. A escolha dos jovens entrevistados se deu, predominantemente, em função dos lugares onde moravam, pois buscamos pessoas que tivessem experiências diferenciadas na cidade. A entrevista semiestruturada foi usada como um recurso para descobrir a variedade dos pontos de vista e, especificamente, o que fundamentam e justificam essas perspectivas (BAUER; GASKELL, 2002).

Analisamos as entrevistas sob duas perspectivas. Na primeira, apresentamos os espaços frequentados pelos jovens na cidade e o que mobiliza a presença deles nesses espaços. Na segunda, discutimos quais espaços os jovens consideram seguros e perigosos e como lidam com esses sentimentos em seu cotidiano.

Quadro I – Perfil dos entrevistados

| Nome ² | Idade | Escolaridade e ocupação | Bairro onde mora | Zona |
|-------------------|-------|---|--------------------|-------|
| Paula | 22 | Artista. Formada numa escola técnica estadual de teatro. | Campo Grande | Oeste |
| Isadora | 24 | Psicóloga. Recém-formada pela PUC-Rio. | Barra da Tijuca | Oeste |
| William | 22 | Cursando o 3º ano do Ensino Médio em escola pública. | Complexo da Maré | Norte |
| Guilherme | 18 | Cursando o 2º ano do Ensino Médio em escola pública. | Complexo do Alemão | Norte |
| Hélio | 28 | Estudante do curso de Educação Física da UERJ. | Mangueira | Norte |
| Helena | 18 | Terminou o Ensino Médio em escola particular, está no curso pré-vestibular. | Jardim Botânico | Sul |
| Bernardo | 18 | Estudante do curso de Medicina da UFRJ. | Lagoa | Sul |

Os jovens e seus percursos na cidade

As primeiras perguntas feitas aos jovens foram sobre os lugares que frequentavam na cidade, as pessoas que eles encontravam por lá e quem eles estranhariam ver nesses espaços. Essas questões tinham como objetivo fazer um mapeamento dos lugares onde os jovens circulam e, a partir de suas respostas, perceber se havia uma abertura para conhecer pessoas e lugares diferentes ou uma tentativa de se proteger nos espaços já conhecidos. Nas entrevistas, percebemos que cada jovem atribui um sentido para a cidade baseado nas suas relações e deslocamentos construídos ali. Eles fazem uso da cidade em função das pessoas que frequentam seus espaços e com as quais se identificam, da proximidade em relação à casa, ao trabalho, à escola ou à faculdade.

Os jovens moradores da Zona Sul e da Barra da Tijuca parecem ter pouca convivência com pessoas pertencentes a classes sociais e grupos distintos. Eles evitam o uso de transporte público, vão a boates e bares próximos as suas casas onde podem encontrar pessoas que lhes são semelhantes. O jovem morador da Lagoa conta que o seu maior deslocamento pela cidade é para ir à faculdade, situada na Ilha do Fundão, na Zona Norte. Na faculdade, ele teve a oportunidade de conhecer pessoas que moram em outros bairros da cidade,

mas que não se diferem muito dele porque “não é ninguém que não tenha dinheiro”. Apesar de estudar numa universidade pública, o curso de medicina é considerado extremamente elitista devido à grande concorrência para passar no vestibular. Já a jovem moradora do Jardim Botânico gosta de conversar com a sua empregada doméstica, pois considera uma “oportunidade” de conhecer a realidade de pessoas com as quais não tem muito acesso.

Percebemos que os jovens moradores da Zona Sul e da Barra da Tijuca têm maior possibilidade de conhecer e de circular pela cidade, entretanto, não possuem curiosidade para ir a lugares distantes da sua casa, seja por se sentirem amedrontados em relação à forma como poderão ser recebidos nesses espaços, ou simplesmente por não encontrarem nada que os motive a sair dos lugares com que já estão familiarizados e que dispõem de várias opções de cultura, lazer, educação e trabalho.

Os jovens que moram em comunidades pobres nas Zonas Norte e Oeste muitas vezes não vão para outros espaços da cidade porque não têm condições de pagar pelo seu deslocamento, por medo de saírem sozinhos ou de não se sentirem autorizados a frequentá-los. Eles saem muito pouco de suas comunidades, pois estudam e realizam atividades em seus bairros ou em lugares próximos. Como, por exemplo, o jovem morador do Complexo do Alemão que raramente vai ao cinema e que foi ao teatro pela primeira vez no ano da entrevista.

Segundo Smith (1992), enquanto o rico expressa a sua liberdade na habilidade de superar espaços, o pobre é aprisionado por ele. Isso se torna evidente na ausência de meios de “transportes decentes”, como coloca a jovem moradora de Campo Grande, que leva cerca de três horas para chegar ao seu local de trabalho. A falta de um meio de transporte coletivo eficiente, que faça a conexão entre as áreas mais ricas e as mais pobres da cidade, acaba por aumentar as distâncias e fragmentar os espaços. Nas entrevistas, os jovens moradores do Complexo da Maré e do Complexo do Alemão relataram o conflito existente entre a Zona Sul e a Zona Norte, entre o mundo da fartura e o da falta (de investimento, de atenção, de poder público). Nas palavras do jovem morador do Complexo do Alemão:

Quando você apresenta o Rio de Janeiro, você não mostra aqui, a Zona Norte, você não mostra a favela. Você só apresenta as praias, no que o Rio de Janeiro é a cidade maravilhosa. A Zona Sul é a cidade maravilhosa. E aí quando você vem para cá, parece que é outra cidade.

Para esses jovens, a cidade se apresenta totalmente fragmentada e o lugar onde moram não parece pertencer à mesma cidade que ganha visibilidade nos meios de comunicação. Por mais que existam programas gratuitos na Zona Sul ou no Centro, os jovens mais pobres não costumam ir, pois não se reconhe-

cem naqueles espaços ou sentem que não são bem-vindos ali. A maneira pela qual são tratados nas ruas, como supostos suspeitos a cometer a algum tipo de crime pelo fato de serem negros e pobres, não estimula a circulação pelas regiões mais ricas da cidade. Segundo a jovem moradora de Campo Grande, “o Rio de Janeiro é uma coisa para uma sociedade específica que não somos nós. De uma maneira oculta eles dizem isso. Pra você ir ao Cristo, você tem que ter dinheiro, pra você ir à lagoa, você tem que ter dinheiro, não é para você”.

Percebemos, de um modo geral, que os jovens entrevistados frequentam lugares bem diferentes da cidade e as áreas por onde circulam quase não se sobrepõem. No entanto, o *shopping* foi um dos lugares mais comentados pelos jovens. O *shopping* apareceu como um espaço frequentado pelo jovem do Complexo do Alemão, que leva a filha pequena para brincar no parquinho; pelo jovem que mora no Complexo da Maré, que costuma ir ao cinema com os seus amigos; pelas jovens de Campo Grande e da Barra da Tijuca que gostam de fazer compras. Apesar dos jovens irem a *shoppings* localizados em bairros distintos e direcionados para públicos específicos, esses espaços não costumam variar muito, principalmente no seu propósito de ser um lugar de lazer, de exposição de mercadorias e de compras. Por que será que jovens de diferentes classes sociais e que vivem em realidades tão distintas elegem o *shopping* para passar o seu tempo livre? Estar no *shopping* significa sair da monotonia da casa, que não possui muitos atrativos, e poder estar entrar em contato com que há de novo nas lojas e nos cinemas, com a tecnologia e os objetos de consumo. Os *shoppings* aparecem como lugares seguros onde se pode estar com os amigos e a família longe do conflito e da tensão da cidade. Assim, o desejo de consumir a diversidade da cidade, sem se submeter aos seus problemas e conflitos, parece se materializar no espaço do *shopping*.

Outro lugar que foi citado em muitas entrevistas e de forma divergente foi a Lapa. Localizada na Zona Centro, e tendo se tornada uma área degradada, a Lapa passou por um processo de revitalização nos últimos anos, e vários bares e casas de *shows* foram abertos, atraindo muitas pessoas em busca de lazer e diversão. Os jovens descrevem a Lapa como o lugar da “mistura”, “que tem de tudo”, onde podem encontrar pessoas de diferentes grupos sociais. Segundo uma jovem, a Lapa “é um lugar que você vê todos os estilos, aí não tem nem como você não gostar”. Para alguns é justamente essa “mistura” que aparece como sendo negativa na Lapa, pois podem encontrar pessoas que usam drogas, bebem, possuem gostos e valores diferentes dos seus. Essa convivência com os diferentes pode ser tão difícil de lidar que esses jovens preferem não frequentar o bairro. É o caso do morador da Mangueira que disse não gostar do “clima de pegação e da homossexualidade aflorada” presente na Lapa por ser religioso. Para outros jovens, essa “mistura” parece ter valor positivo e de atração. Segundo a jovem moradora da Barra da Tijuca, ir à Lapa “é interessante porque você não vê isso no seu dia a dia”. Lá ela pode encontrar jovens que frequentam outros espaços da cidade, bares e boates “mais alternativos”, diferentes de onde costuma ir que, são lugares mais de “patricinhas”.

Na Lapa, há espaços demarcados para os diferentes grupos de jovens onde parece acontecer um embate das relações de poder: de “nós”, as *patricinhas* versus “eles”, “os *alternativos*” ou entre “nós”, da Zona Sul versus “eles”, da Zona Norte. A Lapa se constitui como um espaço de encontro das “subculturas” juvenis, mas cada grupo fica no “*seu quadrado*”, “*na sua*”, sem procurar se relacionar “ativamente” com os demais. Os jovens se “*fecham*” no grupo de amigos, de pessoas consideradas iguais, para se divertir e garantir a sua segurança. Entretanto, por mais que não haja muita interação entre os grupos de jovens, a Lapa possibilita o contato distanciado com o outro, podendo provocar nos indivíduos sentimentos de incômodo, insegurança ou prazer.

O medo do desconhecido, inseguranças e riscos vividos pelos jovens na cidade

Considerando que a diversidade da cidade pode ser vista como algo negativo pelos jovens, indagamos sobre quais lugares são considerados seguros e perigosos e como eles se relacionam diante do sentimento de medo e insegurança. Foi de nosso interesse saber como os jovens enfrentam os riscos da vida na cidade: que ações e estratégias usam, que espaços elegem frequentar, que sentimentos emergem quando frequentam espaços em que se sentem mais ou menos ameaçados.

Os jovens contam que se sentem seguros nas ruas do bairro onde moram porque conhecem os vendedores, as pessoas que frequentam e trabalham perto de suas casas. Segundo a jovem moradora do Jardim Botânico, é essa *ambientação* que a faz se sentir *em casa* na rua, podendo andar distraída, apreciar a paisagem, observar as pessoas, sem se preocupar com a sua segurança. Esse modo de estar em lugares conhecidos se diferencia do andar atento de quando os jovens estão em lugares considerados desconhecidos ou perigosos.

Se sentir *em casa* na rua não é algo vivenciado exclusivamente pelos jovens que moram na Zona Sul ou em lugares com infraestrutura e conforto. O Complexo da Maré, na Zona Norte da cidade, é considerado um dos territórios com maior taxa de mortalidade de jovens no Estado do Rio de Janeiro. Apesar disso, um jovem morador desse bairro disse se sentir seguro em suas ruas, pois conhece os seus espaços e moradores e sabe identificar quando algo ruim pode ocorrer:

É engraçado porque normalmente as pessoas quando elas entram na Maré elas se sentem, elas acham que aquele mundo tem muita violência e tal. Mas eu acho que eu me sinto seguro porque é o que eu conheço, é um lugar que eu conheço de fato. Fora não, você nunca sabe o que vai acontecer.

Jovens no Rio de Janeiro: percursos, inseguranças e riscos

Na comunidade onde mora, o jovem conhece as pessoas, sabe quais lugares pode ir e quais devem ser evitados, mas, fora dela, tem medo de interagir com estranhos, e até mesmo de pedir alguma informação. Ao longo das entrevistas, os jovens moradores de comunidades mais pobres valorizaram o relacionamento com os outros moradores e ressaltaram as qualidades de morar ali, como estar próximo dos amigos, da família e do baile *funk*.

Se para o jovem morador do Complexo da Maré o perigo está localizado fora da comunidade, para o jovem morador da Lagoa, Zona Sul da cidade, passar perto da favela faz com que ele tenha medo. O jovem ressalta a fragmentação da cidade, em que pessoas de classes sociais diferentes “se misturam e mesmo assim não se misturam, na praia, no carnaval e no Maracanã. Mistura, não, eles dividem o mesmo espaço, mas sem se misturar de verdade. Só fica um do lado do outro, sem interagir um com o outro”. Para ele, as pessoas não estabelecem uma relação ativa com os diferentes, apenas uma relação de tolerância e passividade.

Uma relação mais ativa entre as pessoas é difícil de acontecer porque, segundo o jovem, existe um “medo do outro, que não é da mesma realidade, é medo do desconhecido”. Ele justifica o seu medo de passar perto das favelas pelo risco de ser roubado ou de sofrer algum tipo de agressão. Além disso, o jovem sente medo porque não sabe quais serão as atitudes e reações do outro diante da sua presença:

Se você não está acostumado com um tipo de pessoa... tudo que é novo causa surpresa, você não sabe como reagir, então... Se uma pessoa totalmente diferente vier conversar com você, você não sabe... você sempre tenta ser aceito e a outra pessoa sempre tenta ser aceita também, se você não conhece a outra pessoa como você vai tentar ser aceito pela pessoa? Se você tenta encontrar uma pessoa nova e você tenta receber uma aceitação, só que você é diferente dela.

Esse jovem conta o esforço que faz no seu cotidiano para ser aceito pelas pessoas de sua convivência sabendo como agradá-las. Entretanto, diante do desconhecido, surge o sentimento de insegurança sobre o que pode ser feito para ser aceito já que não possui de antemão um repertório de ações e palavras para agradar o outro. O jovem se pergunta: “será que o outro vai me aceitar? De mim e do jeito que eu sou?”. Trata-se, portanto, de um medo de não ser amado, de não atender às expectativas do outro e de ser rechaçado. Ele conclui: “se você não conhece você fica com medo”.

Apesar do jovem morador da Lagoa tentar evitar o perigo, este se coloca, já que “nem sempre dá. Mesmo estando na Zona Sul, em todos os pontos tem favela. Então, não tem como você estar totalmente seguro”. Essa noção de que não tem como estar “*totalmente seguro*” no Rio de Janeiro apare-

ce em outras falas dos jovens. Diante de um mal, que parece estar em qualquer canto, o que fazer? Para o jovem morador do Complexo da Maré: “você não sabe na realidade onde é o lugar seguro no Rio de Janeiro e se existe esse lugar seguro. Então, você tem que botar a cara e ir”. Nesse caso, o sentimento onipresente de insegurança motiva os jovens a percorrerem mais amplamente a cidade, já que não adianta se restringir a um único local, se não há garantias de que ele seja seguro.

A jovem moradora de Campo Grande conta várias histórias que aconteceram no ônibus e no trem, como um homem bêbado que se sentou ao seu lado, uma menina de rua que vomitava dentro do ônibus lotado, várias tentativas de assaltos, brigas com desconhecidos, uma mulher sendo espancada pelo marido, e até mesmo a interrupção da viagem por causa do nascimento de uma criança. A jovem passa por momentos divertidos, alegres, difíceis; o ônibus é um lugar onde tudo pode acontecer e que muitas vezes ela não tem como escapar, para “*onde correr*”. O outro se impõe no seu caminho, sem lhe pedir licença, sem a sua autorização. O incômodo é vivido no espaço comum, pois ali não há a opção de observar as pessoas de fora, com um distanciamento, sem que elas possam invadir a sua vida. A diferença é vivida não como algo “*interessante*”, exótico, distante, mas sentida no seu dia a dia, ao ter que lidar com esse outro que a constrange e demanda uma reação.

O conflito da jovem está na tensão entre, de um lado, conhecer a cidade e viver experiências novas e, de outro, enfrentar os problemas de deslocamento e as situações ruins, as quais ela não sabe como agir e nem tem como fugir. Em suas palavras: “eu fico balançada entre poder ver todas as histórias e me privar de viver coisas que eu não gosto”. A jovem resolve esse conflito com a resposta: “eu vou vivendo. Eu não deixo de ir aos lugares porque eu tô com medo de alguém me roubar, me matar, fazer alguma coisa. Eu vou”.

Para outros jovens, a insegurança sentida na circulação pela cidade estimula ainda mais a necessidade de se proteger: “eu tenho um certo medo, entendeu? Aí eu fico com um certo medo de andar muito sozinha, de ônibus, à pé... é mais ou menos isso”. Essa jovem, que mora em um condomínio, na Barra da Tijuca, entende a segurança como algo que possa ser adquirido individualmente. A escolha por morar em um “enclave fortificado” (CALDEIRA, 2003) foi condicionada ao desejo da sua família de estar protegida dos riscos e perigos da cidade. Entretanto, a tentativa de ter uma segurança completa falhou, quando o rádio do seu carro foi roubado dentro do condomínio por um vizinho. O perigo se instalou onde antes só existiam pessoas consideradas iguais.

Alguns jovens criticam essa tentativa de manter-se isolado da cidade, como se assim fosse possível resolver o problema da falta de segurança. Eles colocam que, ao escolherem morar em condomínios ou em prédios cercados de todo o mal, as pessoas mais ricas não consideram que suas escolhas também

afetam a vida de outras pessoas da cidade. Essa situação acaba intensificando os conflitos sociais e o sentimento de exclusão. Para o jovem morador da Mangueira, Zona Norte da cidade, o Estado não cumpre o seu papel de garantir segurança à população, então, as classes média e alta podem pagar por esse serviço, enquanto que aqueles que estão à margem expressam a sua indignação através da raiva e da agressividade. Outra jovem ressalta que “os mundos não são totalmente fechados”, pois o jovem da Zona Sul, que critica o tráfico de drogas, é também o que consome drogas. Há um cruzamento dessas realidades, que não existem de forma independente umas das outras.

O jovem morador do Complexo do Alemão expressa o seu mal-estar quando caminha pelas ruas da Zona Sul, se sentindo rotulado como “favelado, bandido ou drogado”. Para ele, maior do que o preconceito por ser negro é o de ser morador de comunidade. Os jovens demonstraram indignação pelo tratamento recebido por viverem na favela, pois parece que a sua identidade é definida por essa única característica, não interessando outros aspectos da vida, como ser estudante ou trabalhador. Eles passam cotidianamente por situações humilhantes, em que são revistados e interrogados por homens armados como se tivessem alguma relação com o tráfico de drogas. A polícia é apontada como uma instituição corrupta, violenta e preconceituosa: “a polícia que tá lá para servir e proteger é uma das coadjuvantes, que tá só pra destruir. Ajudar a destruir a nossa cidade”.

Os jovens moradores de comunidade de baixa renda criticam a sociedade que se mobiliza e sente diferentemente suas perdas, pois enquanto algumas mortes são altamente divulgadas e despertam a comoção, outras nem sequer se tornam públicas. Eles colocam que as mortes têm pesos diferenciados, pois a de um “bandido” é diferente da de um “trabalhador”, assim como a morte de um jovem pobre tem um valor diferente da morte de um jovem rico ou, ainda, se ele é morador da favela ou do asfalto. Como coloca Butler, “a distribuição diferencial da dor decide que classe de sujeito merece um luto e que classe de sujeito não, produz e mantém certas concepções excludentes de quem é normativamente humano” (2006, p. 17). Para os habitantes da cidade do Rio de Janeiro, o critério para se considerar uma “vida vivível e morte lamentável” (BUTLER, 2006, p. 17) parece se dar de acordo com a classe social e o lugar de moradia.

Os jovens falam da necessidade de tornar público o seu sofrimento, para que outras pessoas se comovam pelo que acontece nas comunidades mais pobres e ocorra uma responsabilização coletiva por essas mortes e ações violentas. O jovem morador do Complexo do Alemão disse que o seu maior desejo era trabalhar com direitos humanos, pois seria uma forma de poder denunciar as ações da polícia e modificar a realidade em que vive. Ele gostaria também de escrever um livro sobre a sua vida, para que os jovens da Zona Sul soubessem o que é ser um morador de comunidade na Zona Norte, e quem sabe assim gerar uma aproximação entre essas realidades que parecem tão distantes. Para o jovem, falta uma integração maior na cidade e uma distribui-

ção melhor dos recursos públicos para que se possa acabar com a desigualdade entre uma região e outra.

Os jovens dão importância ao diálogo para uma compreensão maior da realidade em que vivem, e para que possam incorporar as perspectivas de outras pessoas. Segundo morador do Complexo da Maré: “[o diálogo] te permite ter esse olhar humano para as coisas”. Arendt (1974) fala também da importância do diálogo para tornar, não o olhar, mas o próprio mundo humano:

Pois o mundo não é humano por ter sido feito pelos homens e ele não se torna humano porque a voz humana aí ressoa, mas somente quando se torna objeto de diálogo. Por mais intensamente que as coisas no mundo nos afetem, por mais profundamente que elas possam nos emocionar e nos estimular, elas só se tornam humanas para nós quando podemos debatê-las com nossos semelhantes. (ARENDR, 1974, p. 34-35)

Apesar dos jovens valorizarem a importância do diálogo, também falaram da dificuldade de conversar sobre as questões da cidade com os seus amigos, pois eles se mostravam descrentes de que alguma mudança pudesse realmente ocorrer. Para o jovem morador da Lagoa, a cidade parece só se tornar assunto entre os jovens quando os seus problemas os atingem diretamente: “ah, se alguém é assaltado, se tem algum tiroteio, aí a gente conversa. Se nada acontece a gente não leva isso à tona”. A jovem de Campo Grande reclama dos amigos que não percebem que os problemas sociais afetam a vida de todos e que, se, hoje, eles não estão precisando de um determinado serviço que vai mal e isso não lhes interessa, amanhã podem precisar dele e não vão ter.

Durante a entrevista, a jovem moradora do Jardim Botânico demonstrou muita preocupação em se tornar insensível ao outro, de não se afetar mais ou se indignar diante de uma situação de violência ou injustiça. Ela também criticou a ausência de um projeto de país e de uma discussão mais ampla na sociedade sobre a ação da polícia: “acho que ninguém se preocupa em discutir essa cultura de pensamento dos policiais e o porquê que se cria uma cultura como essa, tão violenta”. A jovem coloca que a escola e a faculdade são lugares onde pessoas diferentes poderiam conversar sobre os temas de interesse comum: “Acho que escola e faculdade não são teoricamente pra isso, mas são espaços de convivência, sabe, de socialização dos jovens”. Para ela, as instituições de ensino poderiam ser também um lugar de troca e de diálogo sobre os problemas que enfrentam na cidade.

Considerações finais

Neste artigo, investigamos quais percursos os jovens estabelecem na cidade e que tipos de relações criam com as pessoas e com o espaço. A cidade, entendida como “espaço de relações” (LEFEBVRE, 2006), inventada por todos os

seus moradores através de seus usos e participações, também é apropriada e ressignificada pelos jovens a partir de suas experiências cotidianas. Eles se identificam com certos lugares e passam a frequentá-los em seu dia a dia, e em geral, mantêm a distância daqueles lugares onde não se sentem seguros. Pelas falas dos jovens, percebemos que o sentimento de segurança ou de insegurança parece estar mais atrelado aos vínculos que os indivíduos estabelecem com o espaço, com o seu conhecimento e o sentimento de pertencimento a um lugar do que aos índices de violência ou de criminalidade. No entanto, como não é possível conhecer todos os espaços da cidade, a insegurança é um sentimento onipresente quando os jovens circulam por lugares novos ou desconhecidos. Eles expressam o conflito entre conhecer a cidade e ir encontrar os amigos, e o medo de passar por alguma situação violenta ou constrangedora.

Notamos que os jovens moradores de comunidades mais pobres enfrentam um medo concreto no seu dia a dia, pois estão habituados a verem homens armados, a serem discriminados e agredidos por policiais. Apesar disso, eles procuram seguir a vida, estudar, trabalhar, ter uma rotina de enfrentamento do medo e do perigo para que possam sobreviver. No caso deles, é preciso “*botar a cara e ir*”, até mesmo porque essa é a única forma que eles veem de poder mudar de vida, de ascenderem socialmente. Ao contrário de alguns jovens moradores da Zona Sul ou da Barra da Tijuca, que estão muito menos expostos à violência, os jovens moradores de comunidades, na maior parte das vezes, não adotam uma postura defensiva diante do sentimento de insegurança.

Para os jovens de classe média e alta é somente por meio de notícias de tiroteios, de assaltos e roubos que eles entram em contato com a realidade enfrentada pelos jovens moradores de comunidade. Tais notícias criam uma imagem negativa da população de baixa renda, atrelando-a diretamente à criminalidade, distanciando os jovens de classe média e alta dos problemas que atingem uma enorme parcela da população. Nas entrevistas, percebemos que eles buscam se proteger individualmente, considerando que os riscos da cidade podem ser evitados ao frequentarem lugares seguros. Os jovens buscam a diversão no *shopping* e em outros “enclaves fortificados” (CALDEIRA, 2003), em que pensam estar livres do risco que o contato com o outro diferente possa trazer. Contudo, eles também se mostraram incomodados com a banalização da violência e com medo de se tornarem indiferentes diante dos problemas que não os afetam diretamente.

As fragmentações e desigualdades sociais presentes na cidade dificultam o estabelecimento das uma “relação ativa” com o outro. De modo em geral, os jovens demonstram o desejo de dialogar com o diferente e apontam para a importância de discutir os problemas da cidade conjuntamente. Se por um lado, parece faltar a “coragem” para se aproximar do outro, prevalecendo o medo de serem rejeitados, negados ou ameaçados pela alteridade, por outro, sinalizam a escola e a universidade como espaços potenciais para o exercício da troca e do diálogo sobre os problemas vividos por eles na cidade.

Beatriz C. Pérez – Lucia R. de Castro

Referências

ARENDRT, H. **Vies politiques**. Paris: Gallimard, 1974.

BAUER, M.W. ; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BUTLER, J. **Vida precaria: el poder del duelo y la violencia**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

CALDEIRA, T. P. R. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp/Editora34, 2003.

CASTRO, L.R. **A aventura urbana: crianças e jovens no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras/Faperj, 2004.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano I: Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

GOMES, R. C. **Todas as cidades, a cidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

PÉREZ, B.C. **Os jovens na cidade: os impasses de uma relação ativa com os diferentes no contemporâneo**. Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SMITH, N. Geography, difference and the politics of scale. In: DOHERTY, J., GRAHAM, E. and MAKELD, M. (eds). **Postmodernism and the social sciences**. London: Macmillan, 1992.

SOUZA, M. L. **Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

WACQUANT, L. **Os condenados da cidade**. Rio de Janeiro: Ed. Revan; FASE, 2001.

Notas

¹ Esse artigo é uma versão resumida e modificada da dissertação de mestrado defendida pela primeira autora: “Os jovens na cidade: o impasse de uma relação ativa com o diferente no contemporâneo”, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRJ, em 2009, orientado pela segunda autora.

² Para preservar a identidade dos entrevistados, os nomes utilizados nesse trabalho são fictícios.

Correspondência

Beatriz Corsino Pérez – NIPIAC, Instituto de Psicologia, Pavilhão Nilton Campos, Av. Pasteur, 250, Rio de Janeiro, RJ – Brasil. CEP 22290-902.

E-mail: biacorsino@gmail.com

Recebido em 14 de outubro de 2010

Aprovado em 10 de janeiro de 2011